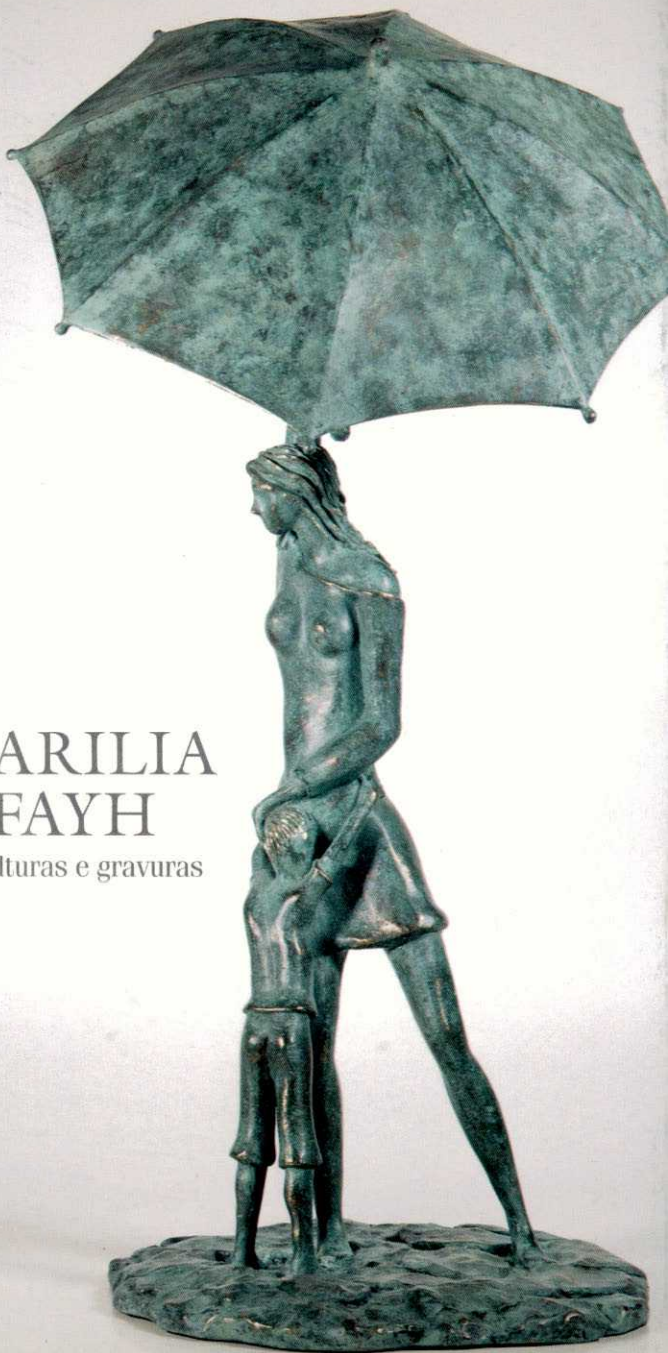


MARILIA
FAYH
esculturas e gravuras



*Gosto do meu lugar no mundo
e como eu gosto de te ter dentro de mim.
Depois, fora de mim.
E mais tarde serás maior que eu.
Desejo que teus olhos sejam sensíveis o bastante,
para perceber e capturar
o quanto existe de bom neste mundo.*

Marília Fayh

"Cartas para minha barriga", Diário de Alecrim, 2013

EU E A ESPERA

Marília Fayh, 30 anos de arte

Para um artista, fazer a curadoria de um outro artista é uma experiência fora de si – desligar-se do seu mundo para conectar-se com o outro, para aventurar-se em um universo desconhecido. Marília Fayh é uma artista porque compreende esta beleza de experimentar, para quem a arte é vida, para quem os artistas são pessoas e as pessoas são arte.

O artista francês Marcel Duchamp demonstrou, com o próprio exemplo, que o objetivo da arte não é a obra em si, mas a liberdade de fazê-la. E, para Marília, a liberdade da arte significa a liberdade de ser e, principalmente, a franqueza de "levar suas asas pelo lado de dentro".

E o que Marília Fayh procura na escultura senão a si mesma?

Sua obra é modelo da suavidade do corpo. *Lila, Alessandra, Aline, Ana, Luiza, Pandora, Ricota, Alda, Clarissa, Teresa, Marcela, Mariana, Giovana, Vivian, Carolina, Deuzari* são nomes que batizam algumas de suas criações, porém poderiam ser igualmente pseudônimos de uma só pessoa, a artista. Pois é ela que repousa no conforto feminino de todas essas formas.

Em contraste com a tensão do movimento de suas primeiras obras, as atuais parecem caladas e inertes, ocultando olhos e boca. Como penetrá-las a não ser pela superfície da pele?



Fotografia: Fernando Zago

MARILIA FAYH, nascida em 1956, é natural de Porto Alegre. Escultora, gravadora e pintora, traz em seu currículo exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Possui premiações internacionais, assim como obras em vários acervos públicos e coleções privadas em diversos países. Formada em Publicidade e Propaganda pela PUCRS (1978), frequentou o Atelier Livre de Porto Alegre de 1980 a 1999, passando por diversas oficinas de arte, estudando e praticando além de desenho, pintura, escultura e gravura, cursos com outros artistas. Em 1995, inaugurou seu ateliê onde trabalha e recebe o público interessado em sua obra.

Agende sua visita pelo site:

www.mariliafayh.com.br

*Gosto do meu lugar no mundo
e como eu gosto de te ter dentro de mim.*

Depois, fora de mim.

E mais tarde serás maior que eu.

Desejo que teus olhos sejam sensíveis o bastante,

para perceber e capturar

o quanto existe de bom neste mundo.

Marília Fayh

"Cartas para minha barriga", Diário de Alecrim, 2013

EU E A ESPERA

Marília Fayh, 30 anos de arte

Para um artista, fazer a curadoria de um outro artista é uma experiência fora de si – desligar-se do seu mundo para conectar-se com o outro, para aventurar-se em um universo desconhecido. Marília Fayh é uma artista porque compreende esta beleza de experimentar, para quem a arte é vida, para quem os artistas são pessoas e as pessoas são arte.

O artista francês Marcel Duchamp demonstrou, com o próprio exemplo, que o objetivo da arte não é a obra em si, mas a liberdade de fazê-la. E, para Marília, a liberdade da arte significa a liberdade de ser e, principalmente, a franqueza de “levar suas asas pelo lado de dentro”.

E o que Marília Fayh procura na escultura senão a si mesma?

Sua obra é modelo da suavidade do corpo. *Lila, Alessandra, Aline, Ana, Luiza, Pandora, Ricota, Alda, Clarissa, Teresa, Marcela, Mariana, Giovana, Vivian, Carolina, Deuzari* são nomes que batizam algumas de suas criações, porém poderiam ser igualmente pseudônimos de uma só pessoa, a artista. Pois é ela que repousa no conforto feminino de todas essas formas.

Em contraste com a tensão do movimento de suas primeiras obras, as atuais parecem caladas e inertes, ocultando olhos e boca. Como penetrá-las a não ser pela superfície da pele?

Figuras próprias da artista que habitam entre o real e o imaginário e para quem o rosto pode também ser uma paisagem interior.

Então olhos e boca se voltam para dentro de um corpo que habita primeiro em Marília. Nesses corpos compartilhados mergulhamos instintivamente para descobrir que os verdadeiros olhos e boca estão em nós. Assim a imagem se preenche.

Antes do barro perder seu significado para a gravidade do bronze, um véu de ternura dá calor humano às peças. O gesto da artista ao delinear o corpo da figura é comparável à sensação de quando alguém nos dá a mão e sentimos a emoção que o calor da palma do outro imprime em nossa pele.

As obras físicas que nascem da expressividade das mãos da artista, são de barro, água, ar e fogo, mas ela as sente até a ponta dos dedos. E assim como na Terra de Oz, em que o inesquecível personagem do autor americano L. Frank Baum, o Homem de Lata, queria um coração, as obras de Marília são metáforas para o sentimento, elas (e ela) também desejam um coração que lhes dê alma. Como o corpo anseia pelo espírito.

São esculturas desprovidas de discurso, uma vez que estão providas da artista. Uma artista não apenas para os eruditos, mas sobretudo para o ser humano, este é o caminho que a obra de Marília Fayh constrói. Busca por uma força passional que comunique emoções essenciais ao público, que faça sentir a presença dessas figuras ainda que não as vimos mais.

O que ver ainda nas esculturas de Marília, além de que vale a pena observar o humano? Aquele que porta a simplicidade de mostrar aquilo que se passa, que se vê. E se não vê nada quando olha para fora, olha para dentro e, novamente, lembra de “desejar a alma”.

Assim a artista conquista essa habilidade de transformar o menor assunto num enorme sentir. Essa singeleza de origem que a permite criar. Sua participação artística se define por ela mesma “como pingos de chuva”, e desse modo apreende seu lugar no mundo e na arte.

O cabelo, solto ou em forma de trança, é um elemento recorrente na poética de Marília. Ao mesmo tempo em que ele remete

ao corpo, também está carregado de informações que ampliam as possíveis leituras dos seus trabalhos. Repletos de simbolismos diversos, na maioria das vezes é sentido de fertilidade e força vital. União entre o corpo físico e espiritual, os fios de cabelo são também signo de passado e memória da artista.

Essa é sua história de amor com a obra, feita do seu jeito, um projeto de vida único, de uma relação com a matéria de que são feitas, do início ao fim. Do amassar o barro à fundição, Marília sabe que o amor é o que faz a sua obra e nos faz repletos.

Alfabetizada nas letras pela mãe, nas artes pelo tio Valdir e na vida pelo “muro” – em que aprendeu a caminhar e a se equilibrar praticamente sozinha –, o receio do abismo deu lugar a um alicerce interior que se tornou invisível com o silêncio do tempo, só rompido pelo ato de escrever. Logo, sua filiação e outras reminiscências insurgem nos aspectos lúdicos e nostálgicos de uma intensa produção artística.

Sem medo de errar, segue o destino de um “olhar captador” que observa a leveza do mundo, que trilha uma via de expressão para onde só a arte pode nos levar. Um caminho como a música, que aprendeu visualmente a tocar no piano quando criança e despertou a alma nas suas mãos e a coragem no seu peito. Sobre o teclado, cada nota se transformou em passos rumo ao infinito.

E seu ateliê é esse lugar, porque ali se dá a gênese criativa e onde se descobre a artista até então imersa numa experiência cósmica. Momento em que fazer cada peça é desnudar-se da sua própria pele. Processo que requer tempo, tranquilidade e solitude.

Para Marília Fayh, viver não deixa de ser uma longa espera. Se porventura suas figuras estão no entreato de movimento ou remanso, constituem novamente a imagem de traslado da vida. Na solidez da solidão, suas esculturas nos atraem antes de tudo pela serenidade dos corpos, para depois nos defrontar com a questão do eterno retorno existencial de quem as aguarda... Da esperança desse encontro, entre o eu da artista e o nosso, resplandece um sol de sentidos.

André Venzon

Artista visual e curador

Abertura dia 9 de junho de 2016, quinta-feira, às 19h

Visitação de 10 de junho a 3 de julho de 2016

De terças a domingos, das 10h às 19h

Entrada Franca

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

Praça da Alfândega, s/nº • Centro Histórico

Cep: 90010-150 • Porto Alegre | RS • Brasil

Fone (51) 3227.2311 • Fax (51) 3221.2646

www.facebook.com/margsmuseu

www.margs.rs.gov.br



MARILIA FAYH | *Le due sorelle*, 2001 | 21cm x 15cm x 10cm | Fotografia: Fernando Zago

Apoio:



Realização:

